



DE!

e escancara o gênero para o grande público Por Sérgio Rizzo

Na outra, ampliou o circuito para 64 salas e fez pouco mais de 1 milhão de dólares. Depois, em 132 salas, subiu para US\$ 1,5 milhão. Outro salto no circuito, para 695 salas, levou a bilheteria de final de semana para 4,3 milhões. Em seguida, pequena expansão para 778 cinemas manteve a bilheteria no patamar dos 4 milhões, ampliada na semana seguinte para 6,7 milhões. Balanço da ópera: 37,6 milhões de dólares de bilheteria total em menos de dois meses em cartaz. E crescendo: quando o leitor estiver com esta SET nas mãos, pode acrescentar alguns milhões à conta.

Para comparar laranja com maçã: *Procura-se Um Amor - Que Goste de Cachorros*, com John Cusack e Diane Lane, abriu em 31 de julho em 2.505 salas e fez 12,8 milhões de dólares, despencando duas semanas depois para 4,5 milhões (e acumulado de 34,6 milhões). Comeu poeira de *A Marcha do Imperador* com um circuito quase quatro vezes maior. *Sky High*, com Kurt Russell e Kelly Preston, estreou no mesmo final de semana de *Procura-se...*, arrecadando 14,6 milhões em 2.905 salas. Duas semanas depois, mantinha-se um pouco à frente de *A Marcha do Imperador* no acumulado (com 43,3 milhões),

mas perdia no ranking da semana e, com a curva descendente de um e a ascendente do outro, ficará provavelmente também na poeira, mesmo em número de salas quatro vezes maior. E *Água Negra*, que encerrará o livro-caixa com bilheteria pouco superior a 25 milhões, fez em seu primeiro (e melhor) final de semana 9,9 milhões de dólares em 2.657 salas.

Descontente com o desempenho de mercado de Jennifer Connelly, John Cusack e Kurt Russell? Bem, não adianta tentar contrato com as estrelas de *A Marcha do Imperador*. É difícil encontrá-las, são muitas e, além de arredias, talvez sejam mesmo protagonistas de um filme só - o irresistível documentário que o diretor e roteirista francês Luc Jacquet extraiu de seus hábitos de migração e procriação (leia crítica na página 59). A essa altura você já sabe que o andarilho do título não é um monarca de tempos atuais ou remotos, mas o pingüim imperador. Marcar encontro com a espécie é, por um lado, muito fácil: durante três meses, centenas deles batem cartão, religiosamente, no mesmo lugar. Todo ano, sem erro. O problema é que o lugar fica na região congelada de Oamock, em Terra Adélia, na Antártida. Sim, Pólo Sul. Temperatura média de 40 graus centígrados negativos.

FILA INDIANA

Primeiro, Jacquet e equipe documentaram a rotina incrivelmente cronometrada e previsível dos imperadores. Durante o inverno, que se estende por nove meses, eles mergulham e somem de vista. Alguns chegam a passar quatro anos no mar, sem voltar a Oamock. No verão (da Antártida...), eles surgem repentinamente, quase ao mesmo tempo, e caminham em fila indiana, durante vinte dias e noites, até o "ponto do amor", onde machos e fêmeas se encontram para o ritual do acasalamento. Resolvido o assunto, os casais separam-se. Enquanto os machos permanecem no mesmo local para proteger em suas penas o ovo com o futuro filhote dos rigores do clima (um desliz e o coitado pode trincar, congelado), as fêmeas dão início



"Mamãe, é verdade que meu pai é Danny DeVito?"

SET | 41

à “marcha do crepúsculo” – voltam ao mar para buscar alimento.

Dois meses depois da partida, elas fazem a “marcha da lua” e retornam para o berçário, digamos, a tempo de ver o nascimento dos bebês. Então, é a vez de os machos, em sua “marcha dos famintos”, irem à caça de comida. A “marcha do filhote livre” é o ritual de independência, quando finalmente circulam por ali sem a proteção das mães. Em seguida, voltam os pais, que reconhecem os filhos e são reconhecidos por eles. Por fim, a “marcha da separação”: chegou a hora de todos mergulharem – incluindo as crianças, cada uma por sua conta, embora organizadas em grupos – para os nove meses de inverno. Esse resumo só menciona as “partes boas”; cada uma dessas marchas deixa pelo caminho imperadores adultos e crianças. O mundo animal, como sabemos pelos programas dos canais Discovery e Animal Planet, não é lugar para bicho fraco ou vacilante.

O filme de Jacquet não se parece tanto com um documen-

tário da TV paga sobre o mesmo tema (a National Geographic, aliás, é co-produtora, ao lado do Instituto Polar Francês e do escritório francês da Buena Vista, distribuidora do grupo Disney, entre outros parceiros) por causa da montagem, que humaniza os personagens. Entram a trilha sonora incidental de Alex Wurman (*Confissões de Uma Mente Perigosa*) e canções de Emilie Simon, que ilustram e interpretam o que pensariam e sentiriam os pingüins. E, em off, atores interpretam, com a mesma função, uma série de textos. Na versão original, que será lançada no Brasil, as vozes são de Charles Berling, Romane Bohringer e Jules Sitruk. A versão americana é narrada pelo estereofônico Morgan Freeman. Junte-se a essa abordagem original a extraordinária qualidade das imagens, revelando um pedaço do planeta desconhecido, sem a presença humana, e está pronto o pacote incomum que tem atraído

marchas e marchas de espectadores por onde passa.

PARA TODOS OS GOSTOS

Com a surpreendente popularidade do filme, que deixa de surpreender tanto quando o espectador afinal o conhece e entende por que sensibiliza grandes platéias, Luc Jacquet ingressa na restrita galeria de documentaristas integrantes do *top ten* dos EUA e Canadá. Fazem parte dela *Fahrenheit 11 de Setembro*, de Michael Moore, e *Super Size Me – A Dieta do Palhaço*, de Morgan Spurlock, ambos lançados em 2004. O primeiro é o documentário de maior bilheteria na história do cinema americano, beneficiado pela Palma de Ouro no Festival de Cannes e pela inserção na campanha presidencial que reelegeria George W. Bush, com 119 milhões de dólares e um circuito que chegou, no pico,



a ter 2.004 salas. Moore bateu em Bush e Spurlock, no McDonald's. Foi bem menos feliz, mas obteve números significativos para um projeto para lá de modesto: 11,5 milhões de bilheteria e, no melhor final de semana, 230 salas.

A versão francesa de ambos é Nicholas Philibert: com *Ser e Ter*, documentário sobre o cotidiano de uma escola de classe única no interior do país que teve maciça distribuição internacional, inclusive nos EUA e no Brasil, ele atraiu 1,8 milhão de espectadores na França – marca, por lá, reservada apenas aos grandes sucessos nacionais e a blockbusters americanos. Se, invertendo a equação, a quantidade (de dólares) vem da qualidade (dos documentários), é bem possível que essa turma de reali-

zadores bem-sucedidos ganhe em breve companhia. Apostas recentes da imprensa americana: *The Aristocrats*, de Paul Provenza, sobre o trabalho de 101 humoristas (entre eles, Robin Williams e Eric Idle); *Murderball*, de Henry Alex Rubin e Dana Adam Shapiro, sobre a prática de rúgbi por tetraplégicos (sim, isso mesmo); *Mad Hot Ballroom*, de Marilyn Agrelo, sobre crianças nova-iorquinas de 11 anos que aprendem dança de salão na escola (e, em alguns casos, sonham ganhar dinheiro com isso); e *Rock School*, de Don Argott, sobre uma verdadeira escola de rock para crianças que faz a

do filme com Jack Black parecer jardim-de-infância.

Sem falar em *Grizzly Man*, do veterano cineasta alemão Werner Herzog (*O Enigma de Kaspar Hauser*, *Fitzcarraldo*), que reconstitui a trajetória do ativista ambiental Timothy Treadwell, morto por ursos no Alasca, em 2003. Depois de *Camelos Também Choram*, de Luigi Falorni e Byambasuren Davaa, eis aí uma espécie de “ursos também matam” – até mesmo quem os defende. Incrível demais para ser ficção? Só pode ser coisa de documentário. •



A MARCHA DO IMPERADOR

LA MARCHÉ DE L'EMPEREUR, FRANÇA/EUA, 2005.
DE LUC JAQUET. 85 MIN. WWW.MARCHOFTHE
PENGUINS.COM. LUMIERE. DOCUMENTÁRIO

Camelos Também Choram parecia o documentário mais insólito da temporada, mas agora enfrenta páreo duro—por coincidência, também no reino animal. A estrela, em campo térmico oposto, é o pingüim imperador, que habita a Antártida. Não um, mas milhares deles, acompanhados pela equipe do diretor Luc Jacquet com impressionante know-how técnico (imagine a dificuldade de filmar a 40 graus negativos, e sem espantar os animais), além de boa dose de poesia, que resulta em imagens deslumbrantes desse mundo inóspito. É só nesse

registro visual, entretanto, que existe gelo: o filme aquece o público, ao envolvê-lo e sensibilizá-lo, com a eficiência dos melhores dramas.

Sérgio Rizzo

NOTA: **8,5**



Luta pela vida: o perigoso ciclo da procriação

A MARCHA DOS PINGÜINS

Grande sucesso no cinema, a Vídeo Filmes traz para o Brasil a versão original francesa do documentário em uma edição especial

LA MARCHÉ DE L'EMPEREUR, FRANÇA, 2005. DE LUC JACQUET. COM AS VOZES DE CHARLES BERLING, ROMANE BOHRINGER, JULES SITRUK. 85 MIN. DVD/VHS VÍDEO FILMES. DOCUMENTÁRIO

Quem diria que os pingüins, outrora cafonas, voltariam à moda como enfeites de geladeiras e freezers? E que esses bichos simpáticos, de andar engraçado, virariam astros de cinema? Eles já roubaram a cena em *Madagascar*, se tornaram astros de outra animação de sucesso, *Happy Feet: o Pingüim*, e até foram perseguidos por um bando de paparazzi – neste caso, Luc Jacquet e sua equipe, responsáveis por este documentário-fenômeno. Além de conquistar um merecido Oscar, *A Marcha dos Pingüins* é o segundo filme do gênero que mais faturou nas bilheterias dos EUA, superado apenas por *Fahrenheit 11 de Setembro*, de Michael Moore – que, aliás, lembra um pingüim. O filme que acompanha a comovente saga dos pingüins imperadores, espécie que viaja cerca de 100 quilômetros pelos desertos de gelo da Antártida, numa heróica batalha pela sobrevivência e a chance de procriar, foi lançado nos cinemas em duas versões. A que sai em DVD por aqui (leia sobre a outra no boxe ao lado) é a mesma exibida em

nossos cinemas, idealizada pelo diretor Luc Jacquet. Fugindo do formato *National Geographic*, ele humaniza a trajetória das aves por meio de vozes em off que expressam os “pensamentos” de um casal de pingüins e seu filhote. Aliado à trilha sonora de Emilie Simon, o recurso às vezes beira o piegas, mas não chega a incomodar. Afinal, a força do documentário está mesmo nas imagens. Nem quem costuma passar longe do canal *Animal Planet* conseguirá ficar indiferente a alguns belos e tocantes registros: as aves enfileiradas durante sua longa e disciplinada jornada; o cuidadoso processo da passagem do ovo da fêmea para o macho; a luta para resistir às baixíssimas temperaturas, em que o espírito coletivo é fundamental. O disco também traz a versão em português, bem competente, com as vozes de Patrícia Pillar, Antonio Fagundes e Matheus Perissé, making of que expõe os dramas e sacrifícios vividos por Jacquet e companhia, trailer, galerias de foto e seqüências extras que focalizam os animais que habitam a Antártida.

Roberto Pujol

NOTA: 8 EXTRAS: 8,5

Resenha de *A Marcha dos Pingüins* em vídeo